



Como é ser negro no brasil?: Uma análise do conto “Conluio das perdas”, de Luiz Silva Cuti, e da música “Negro drama”, dos Racionais MC’s

How Is Like to Be a Black Man in Brazil?: An Analysis of the Tale “Conluio Das Perdas”, by Luiz Silva Cuti, and the Song “Negro Drama”, by Racionais MC’s

Alba Valéria Niza Silva

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros, Minas Gerais / Brasil
albavniza@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-8485-3929>

Alysson Jorge Alves de Andrade

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal / Brasil
alysson-1997@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-6965-9538>

Resumo: O presente artigo visa pesquisar como é ser negro no Brasil, a partir de uma análise comparativa do conto “Conluio das Perdas”, de Luiz Silva Cuti, e da música “Negro Drama”, do Racionais MC’s. A metodologia utilizada foi a de cunho bibliográfico crítico-teórico, dedutivo e analítico, além dos levantamentos de pesquisas com o intuito de mostrar como é ser negro no Brasil. O referencial teórico ancora-se no pressuposto que há, no Brasil, um racismo estrutural, tendo o aporte teórico de: Antonio Candido (2006), Edward Telles (2012), Silvio Luiz de Almeida (2019), Grada Kilomba (2019) e outros autores que pesquisam temáticas parecidas. A pesquisa foi realizada em quatro partes: Primeiramente, observamos que a representação da cidade de São Paulo no conto e na música representa uma cidade cheia de desafios para a vida de uma pessoa negra. Posteriormente, foi demonstrado que ser negro e a sua relação com a polícia aponta que há, no Brasil, um racismo estrutural que está presente nessa instituição. Em seguida, constatamos que há, de fato, uma pressão para que as pessoas negras alcancem uma ascensão social e econômica, mesmo com as enormes dificuldades que enfrentam diariamente. Por fim, defendemos que, em ambas as obras, ocorre um processo de autoafirmação e do orgulho de ser negro, visto que, ainda que em meio às dificuldades encontradas, ocasionadas pelo racismo estrutural, ser negro é resistir e ter força para combater o problema que assola a comunidade negra diariamente.

Palavras-chave: Conluio das Perdas; Luiz Silva Cuti; Negro Drama; Racionais MC’s; racismo estrutural.

Abstract: The present article aims to analyze how it is like to be a black man in Brazil from an comparative analysis of the tale “Conluio das Perdas”, by Luiz Silva Cuti, and the song “Negro Drama”, by Racionais MC’s. The methodology used was bibliographic critical-theoretical, deductive and analytical, in addition to research carried out in order to show what is like to be a black man in Brazil. The theoretical framework is anchored in the assumption that, in Brazil, there is a structural racism, having the theoretical contribution of: Antonio Candido (2006), Edward Telles (2012), Silvio Luiz de Almeida (2019), Grada Kilomba (2019) and others authors that search for similar topics. First, we observe that the representation of the city of São Paulo in the tale and in the song shows a city full of challenges for the life of a black person. Later, it was demonstrated that being black and its relationship with the police shows that there is, in Brazil, a structural racism that is present within the institution of the police. Then, it was found that there is, in fact, pressure for black people to achieve social and economic ascension, even with the enormous difficulties they face on a daily basis. Finally, it was demonstrated that, in both works, there is a process of self-affirmation and pride in being black, since, despite the difficulties encountered, caused by structural racism, being black is being resistant and having the strength to fight this problem that plagues the black community daily.

Keywords: Conluio das Perdas; Luiz Silva Cuti; Negro Drama; Racionais MC’s; structural racism.

1 Introdução

É difícil traçar o ponto exato em que se iniciou a relação entre Literatura e Música, muitos teóricos afirmam que elas são artes irmãs, já que compartilham, em suas criações e/ou nascimentos, um ponto primordial e fundamental: a fala humana. Assim, com o passar dos anos, essas duas artes ora se aproximavam, ora se distanciavam, mas elas nunca deixaram de ser associadas e próximas devido a tamanha importância que essa relação tem.

Desse modo, há várias formas de estabelecer essa relação, no entanto, neste artigo, analisaremos a relação da literatura com uma letra de música, visando responder a seguinte pergunta: Como é ser negro no Brasil? Para isso, analisaremos, comparativamente, o conto “Conluio das Perdas”, do autor contemporâneo brasileiro Luiz Silva Cuti, e a letra da música “Negro Drama”, que integra o álbum, lançado em 2002, *Nada como um dia após o outro dia*, do grupo de *rap* brasileiro Racionais MC’s.

A metodologia utilizada será a de cunho bibliográfico crítico-teórico, dedutivo e analítico, além dos levantamentos de pesquisas visando mostrar como é ser negro no Brasil. Dessa forma, as fontes pesquisadas giraram em

torno do próprio conto escrito por Cuti, bem como a própria letra da música dos Racionais MC's, com o auxílio de textos e de entrevista. O referencial teórico ancora-se no pressuposto que há, no Brasil, um racismo estrutural, com o aporte de: Antonio Candido (2006), Edward Telles (2012), Silvio Luiz de Almeida (2019), Grada Kilomba (2019) e outros autores que pesquisam temáticas parecidas.

2 Dos autores e suas artes

O conto de Cuti, pseudônimo de Luiz Silva, foi publicado a primeira vez no livro *Contos Crespos* em 2008 e representa a história de uma família que mora em São Paulo, retratando uma sequência de perdas sofridas pelo personagem-narrador. Dessa maneira, o conto expõe a vivência de uma família negra nesta cidade.

De acordo com José Luis Bubniak (2022), no artigo “A tendência historicista em contos de Cuti”, Cuti é um escritor muito ativo, “reconhecido tanto por seu trabalho artístico como por suas reflexões teóricas a respeito da literatura e da vida dos negros brasileiros (Bubniak, 2022, p. 301). Além de ser reconhecido pela escrita literária, o autor também é formado em Letras pela Universidade de São Paulo, mestre em Teoria da Literatura e doutor em Literatura Brasileira.

Cuti é bastante conhecido por sua militância, uma vez que é um dos criadores da série dos *Cadernos Negros* e também do grupo Quilombhoje, e, segundo Moema Parente Augel (2017), o autor “tematiza, em situações do cotidiano, as relações raciais e as questões daí decorrentes num Brasil onde o discurso hegemônico se proclama democraticamente livre da discriminação de natureza étnica” (Augel, 2017, p. 9). Dessa forma, na contemporaneidade, Cuti se coloca como um dos principais autores a falar, principalmente, sobre as questões que os negros enfrentam cotidianamente na sociedade, inserindo-se, a todo momento, como instrumento na luta encarada diariamente por toda a população negra no Brasil.

Em “Conluio das Perdas”, Cuti expõe uma sociedade “atual”, com o enfoque na realidade brasileira dos anos 1990/2000, abordando a relação do cotidiano de uma família negra. Sobre o termo cotidiano, Grada Kilomba (2019) afirma que:

o termo “cotidiano” refere-se ao fato de que essas experiências não são pontuais. O racismo cotidiano não é um “ataque único” ou um “evento discreto”, mas sim uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém – no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família [no banco, na delegacia, na escola, no trabalho e, tantos outros lugares] (Kilomba, 2019, p. 80).

Então, conforme abordado pela autora, o cotidiano marca experiências que não são extraordinárias, mas corriqueiras na vida de qualquer pessoa, principalmente tratando-se de uma pessoa negra, visto que essa enfrenta, diariamente, episódios de racismo, o qual é, sobretudo, abordado por Cuti: o racismo cotidiano. Em consonância a esse pensamento, Maria Nazareth Soares Fonseca (2006) declara que:

Nos contos e poemas que Cuti vem publicando desde o início de sua carreira, os problemas dos afrodescendentes são enfrentados de frente. Muitos dos seus contos focalizam situações vividas por aquelas pessoas que tem de enfrentar diariamente o preconceito e estereótipos que circulam na sociedade brasileira (Fonseca *et al.*, 2006, p. 122).

Assim, os contos de Cuti visam trabalhar com essa temática, uma vez que ele é um autor: “bastante comprometido e tem como um dos seus projetos a afirmação da consciência étnica negra. Seus textos procuram tratar da trajetória do negro brasileiro, dando sentidos positivos ao sintagma ‘negro’ e afins” (Bubniak, 2022, p. 303).

O *rap*, abreviação de *rhythm and poetry* (ritmo e poesia) faz parte do movimento cultural do *hip-hop*, juntamente com o grafite e a dança. Segundo Marcus Rogério Salgado (2015), no artigo “Entre ritmo e poesia: *rap* e literatura oral urbana”:

No código genético, o rap traz um regime estético em que se entrelaçam som e palavra. Esse regime insere-se plenamente numa tradição cultural de matriz africana na qual se verifica a sobrevivência das formas orais de literatura. É nesse sentido que o rap se afirma como ponto de convergência entre inúmeras manifestações culturais africanas e afro-americanas nas quais esses dois elementos – som e palavra, ritmo e poesia – se articulam de forma a gerar canções, narrativas, poemas etc. (Salgado, 2015, p. 151).

Dessa maneira, o *rap* é um dos pontos de encontro entre música, letra, poesia e performance. A matriz africana evidencia a importância do gênero para as formas orais da literatura, fazendo com que o *rap* assuma papel fundamental na “sobrevivência” dos povos e de sua cultura atualmente, pautado, principalmente, na oralidade, dado que ele, conforme afirma Salgado (2015), torna-se um ponto de convergência de diversas manifestações culturais de matrizes africanas com base, sempre, no ritmo e na poesia. Assim, o *rap*, muitas vezes, tem como temas o sofrimento de pessoas marginalizadas, com assuntos, que integram, infelizmente, a vivência negra no Brasil, tais como: racismo, violência, morte e denúncia racial.

Nesse sentido, Petrônio Domingues (2007) declara que os adeptos do *rap* “procuram resgatar a autoestima do negro, com campanhas do tipo: Negro sim, Negro 100%, e ainda se esforçam por difundir o estilo sonoro do *rap*, música cujas letras de protesto combinam denúncia racial e social” (Domingues, 2007, p. 119), mostrando que o *rap*, para os negros, é uma das formas, juntamente com a literatura, de discursar contra uma sociedade racista.

Em consonância com esse pensamento, Salgado (2015) declara que:

No plano discursivo, as letras de rap tematizam, em sua esmagadora maioria, o problema da violência e sua representação, ambos diretamente ligados à experiência urbana nas metrópoles brasileiras. Nesse sentido, lidar esteticamente com a violência não é prerrogativa do rap, e sim tendência verificada também na literatura e no cinema (Salgado, 2015, p. 154).

É nesse contexto, em busca dessa luta pela representação, que o grupo Racionais MC's foi formado no ano de 1988 por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay. Segundo Maik Antunes (2018) no livro *A cor e a fúria: uma análise do discurso racial dos Racionais MC's*, o intuito da formação do grupo é, sobretudo, lutar contra as desigualdades, uma vez que o grupo é constituído, em boa parte, de músicos oriundos das periferias de São Paulo. Acerca dessa criação, Antunes (2018) afirma que:

Percebendo-se excluídos, sobretudo, por motivos raciais, seria igualmente através da raça – e em nome da mesma – que, uma vez autodeclarando-se os “quatro pretos mais perigosos do Brasil”, Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay sustentariam um discurso

marcado tanto por denúncias e convocações à luta quanto por mensagens de orgulho, autoconfiança e fé (Antunes, 2018, p. 18).

Por meio de suas letras, o grupo incentivava e exaltava a negritude dos negros-brasileiros, além da constante denúncia contra as desigualdades vivenciadas por esses povos. Dessa forma, o grupo “conquistou, sobretudo através do sucesso inesperado do disco *Sobrevivendo ao Inferno* – produzido e lançado de forma independente no final de 1997 –, atenção considerável por parte da sociedade brasileira” (Antunes, 2018, p. 70), visto que ingressaram nas grandes mídias da época, possibilitando que as suas músicas, juntamente com seus temas, entrassem nas casas dos brasileiros, principalmente, da população jovem negra-brasileira que tanto precisava de representatividade, sobretudo, no meio artístico. Com o sucesso do grupo, os temas e a realidade brasileira começaram a ser expostos, já que um grupo negro obteve voz para combater e denunciar as atrocidades e os desafios vivenciados diariamente por negros e negras em solo brasileiro.

3 De que eles falavam? A realidade brasileira no século XX

A fim de adentrar na discussão sobre o que o conto “Conluio das Perdas”, do Cuti, e a letra da música “Negro Drama”, dos Racionais MC’s abordaram, apresentaremos, de maneira breve, como era a realidade brasileira na época que ambos foram publicados e/ou lançados. No entanto, para isso, discutiremos, brevemente, acerca de raça e de racismo.

3.1 Raça e racismo

De acordo com Silvio Luiz de Almeida (2019), no livro *Racismo Estrutural*, a etimologia do termo “raça” é bastante controversa, no entanto, pode-se afirmar com segurança que o termo e seu significado sempre estiveram, de alguma maneira, ligados ao ato de estabelecer classificações, que, em primeiro momento, foram sobre plantas e animais e, mais tarde, passou a estabelecer essas classificações entre seres humanos.

Para o mesmo autor, o termo não é estático, visto que seu sentido está rigorosamente atrelado às circunstâncias históricas em que esse é utilizado. Essas circunstâncias fazem com que, por trás da compreensão de raça, haja poder, conflito e decisão, o que torna o conceito relacional e histórico. Dessa

maneira, de acordo Almeida (2019), a história das raças é uma história de constituição econômica e política das sociedades contemporâneas.

A noção de que raça está atrelada ao contexto histórico, econômico e político é importante, porque essa foi utilizada, como ponto de partida, até para guerras, como a Segunda Guerra Mundial. Além disso, essa concepção é usada, continuamente, como argumento de pessoas racistas e/ou com falas e ações racistas, a fim de naturalizar desigualdades e legitimar uma segregação de pessoas, impedindo, certos grupos, a terem voz na construção político-social da sociedade, conforme declara Almeida (2019):

Ainda que hoje seja quase um lugar-comum a afirmação de que a antropologia surgida no início do século XX e a biologia – especialmente a partir do sequenciamento do genoma – tenham há muito demonstrado que não existem diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um tratamento discriminatório entre seres humanos, o fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários (Almeida, 2019, p. 22).

Assim, perpetuar o conceito de que há uma raça superior a outra é vital para aqueles que querem manter uma espécie de controle político e social, além de subjugar povos minoritários, visando manter o domínio e impedir uma ascensão social destes grupos, naturalizando a desigualdade como se fosse algo já destinado a esses grupos.

Então, surge o conceito de racismo, preconceito racial e discriminação racial, e os encontraremos tanto no conto como na música em análise. Sobre racismo, Almeida (2019) afirma que:

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (Almeida, 2019, p. 22).

Acerca do preconceito racial, o autor declara que este baseia-se em estereótipos acerca de indivíduos pertencentes a um grupo racializado, podendo resultar ou não em práticas discriminatórias. Já sobre a discriminação

racial, o autor diz que: “é a atribuição de tratamento a membros de grupos racialmente identificados” (Almeida, 2019, p. 23).

Desse modo, compreende-se que esses conceitos são intrinsicamente relacionados, e que o racismo é manifestado, muitas vezes, como discriminação racial, articulando-se, também, com a segregação racial. O racismo, como se relaciona com os contextos econômicos, políticos e sociais na visão de Almeida (2019), será estrutural, uma vez que “instituições são racistas porque a sociedade é racista” (Almeida, 2019, p. 31), ou seja, o racismo será um resultado da própria estrutura social, desde as relações políticas, jurídicas, sociais e, até mesmo, familiares. Nessa perspectiva, o racismo e os atos racistas foram normalizados na sociedade contemporânea por meio de ações cotidianas, já que o racismo encontra-se em todos os setores do ordenado social. Assim, parafraseando Mano Brown: fora do mundo dos negros, o resto é branco.

3.2 A realidade brasileira

O racismo, como discutimos no tópico anterior, é estrutural, pois está presente em cada organização da sociedade, mas quais eram os acontecimentos relacionados a essa questão no início dos anos 2000? Segundo pesquisa divulgada pela Rede Nossa SP e pelo Ibope Inteligência em 2020, 83% da população de São Paulo considera que o racismo aumentou ou se manteve durante os últimos 10 anos. Estes dados mostram que, desde a primeira década dos anos 2000, o racismo e a discriminação racial têm aumentado em solo paulista. Essa informação é importante, porque o conto e a letra da música ocorrem em São Paulo.

Um reflexo dessa questão é o número de negros mortos em decorrência de ações policiais, já que é quase três vezes maior que o número registrado de pessoas brancas, conforme mostra pesquisa feita pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, publicada em 2014. Em consonância com esses dados, de acordo com Jacqueline Sinhoretto e Danilo de Souza Morais (2018), no artigo “Violência e Racismo: novas faces de uma afinidade reiterada”, o número de pessoas negras assassinadas é muito superior ao de brancos assassinados:

Mais de 270 mil pessoas negras foram assassinadas entre 2002 e 2010 (mais de 30 mil ao ano) no Brasil, o que indica um patamar de violência fatal muito superior ao da maioria dos países do mundo,

incluindo os que sofrem conflitos armados declarados. Os números globais de homicídio no período mudaram pouco, mas a análise da componente racial afasta a imagem de estabilidade, posto que o número de assassinatos de brancos declinou, e o número de assassinatos de negros aumentou. Houve queda de 24,8% da taxa de homicídios brancos e aumento de 5,6% da taxa de homicídios negros. No início da série analisada, morriam 65,4% mais negros do que brancos, e essa desigualdade aumentou para 132,4% em 2010 (Sinhoretto; Morais, 2018, p. 17).

Dados sobre a discriminação racial são também importantes, e uma pesquisa encomendada pelo Grupo Carrefour Brasil constatou que 61% da população brasileira já viram negros sendo discriminados em estabelecimentos comerciais, tais como: shoppings, lojas e supermercados. A mesma pesquisa mostra que esse índice aumenta para a população que se considera negra, sendo de 71%.

Estes dados além de mostrar a discrepância no tratamento de pessoas negras e de indivíduos brancos, evidenciam a discriminação racial e o racismo sofridos por toda a população negra no Brasil, ocasionando, em solo brasileiro, dois tipos de desigualdade: uma social e outra racial. Em relação a isso, o rapper Mano Brown, em entrevista à Sérgio Kalili (1998), afirmou que:

Por mais que você queira falar que não, falar que o Brasil é um país igual, que o problema aqui é social... não é assim, mano, tá ligado? Se você é um cara que tem origem negra, é foda você andar na rua com roupa boa, com um carro bom – os caras crescem o olho mesmo direto, crescem o olho em mim, me param direto [...] O cara ser branco, tá vestido numa farda trabalhando, e você preto com carro bom? O cara não se conforma com isso. O racismo já está na mentalidade do brasileiro (Kalili, 1998, p. 18).

Assim, para Mano Brown, o racismo também é estrutural, uma vez que já está inserido na mentalidade do brasileiro, e é justamente essa mentalidade que é mostrada diariamente em todas as estruturas sociais, fazendo com que o racismo, o preconceito racial e a discriminação racial aumentem nos últimos tempos. É claro que a luta do movimento negro, a escrita de autores negro-brasileiros como o Cuti e o lançamento de músicas como as do grupo Racionais MC's, trouxeram o holofote destas questões.

É cada vez mais comum discutir sobre racismo. Hoje em dia, os termos são amplamente pesquisados e estudados nas escolas e nas universidades, uma vez que essa discussão é extremamente significativa para todo o contexto político, histórico, social e econômico no Brasil, fato que é apontado por Edward Telles (2012):

A raça é um fator marcante para a exclusão social, criando uma estrutura de classes na qual os negros são mantidos nos níveis mais baixos. A classe e a raça tornam-se, então, significantes [*signifiers*] de *status* fundamentais em uma sociedade com consciência de status. Hierarquias raciais ou de classe estão codificadas em regras informais de interação social e são consideradas naturais. Nelas o status de uma pessoa ou sua posição na hierarquia garantem maiores direitos e privilégios. Ambos os fatores, claramente limitam a mobilidade e a aceitação social (Telles, 2012, p. 183).

Então, a discussão sobre esse tema se torna relevante para entender o porquê que a população negra sofre tanto com racismo, uma vez que a raça é um fator marcante para a exclusão social que há hoje no Brasil. Nesse sentido, o negro é visto como inferior em toda a estrutura social. Compreender e discutir essa questão amplamente é extremamente vital para que haja uma reversão nesse quadro de normalização do racismo e da discriminação racial, visto que ambas são aceitas e legitimadas ao longo de toda a construção política, social, histórica e econômica no Brasil. Toda essa discussão mostra que ser negro no Brasil significa encarar uma luta constante, tanto para ser aceito em determinados espaços sociais quanto para a sobrevivência.

4 Como é ser negro no Brasil?: análise do conto “Conluio das Perdas”, de Cuti, e da letra da música “Negro Drama”, dos Racionais MC’s

No Brasil, desde o início do século XX, houve um aumento significativo na produção de produtos artísticos-culturais, realizados no Brasil, voltados a população negra, baseando-se em uma perspectiva que visa falar e tematizar a vida no espaço urbano, em geral, nas metrópoles brasileiras. Em consonância a esse aspecto, Renato Cordeiro Gomes (2012) afirma que essas manifestações artísticas-culturais “tematizam e dramatizam a espessura do espaço urbano, ou seja, as formas de violência que se manifestam nas

idades e as modalidades com que esse fenômeno é apresentado” (Gomes, 2012, p. 76), assim, muitas representações abordam a vida nesses espaços urbanos, principalmente as manifestações de autoria negra, como acontece no conto do Cuti e na letra da música dos Racionais MC’s.

Considerando a abordagem aqui utilizada, convém discorrer um pouco sobre o processo de realização de uma obra e sua relação com a sociedade, uma vez que a literatura é, quase sempre, fruto do próprio meio da sociedade, estabelecendo-se, também, como uma das estruturas sociais. Acerca do processo de produção, Antonio Candido (2006), no livro *Literatura e Sociedade*, afirma que existem quatro momentos de produção de uma obra artística: “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio” (Candido, 2006, p. 31), dessa forma, o processo de produção de uma obra estará relacionado com o meio social no qual o artista está inserido, podendo ou não, abordar assuntos sociais de sua época.

Dessa maneira, Cuti, ao escrever o seu conto, escolheu o gênero e os temas que iria abordar de acordo com a sua própria vivência, resultando em uma obra artística que representa a realidade de muitas pessoas negras no Brasil no início do século XX e, até mesmo, atualmente. Já o *rap*, segundo Salgado (2015). “mantem-se, contudo, como uma linguagem que pode ser considerada uma extensão de algumas ideias em circulação entre os pensadores negros ao redor do mundo” (Salgado, 2015, p. 153), fazendo com que, várias vezes, o rapper se manifeste de acordo com esses pensamentos, fato que é comprovado pela relação do grupo Racionais MC’s com as ideias de Malcolm X, um dos porta-vozes da luta pelos direitos da população negra.

Então, tanto os ideais da escrita e escolha por Cuti como os ideais propagados pelo *rap*, na figura do grupo Racionais MC’s, por meio da letra da música “Negro Drama”, irão convergir e se relacionar em temas parecidos, tais como: a relação do negro com a cidade de São Paulo; a ação da polícia em relação ao negro; a necessidade e a pressão de ascender socialmente e economicamente; a autoafirmação do orgulho de sua própria cor e seus traços. Todos esses pontos são abordados de maneiras distintas em ambas as obras.

É importante ressaltar que, enquanto na letra da música a palavra “negro” ou “negra” é citada 13 (treze) vezes, no conto “Conluio das Perdas”,

do Cuti, não há a menção da palavra “negro” e, tampouco, a palavra “negra”. Sendo assim, o autor teve a brilhante capacidade de apresentar ao leitor, por meio dos acontecimentos no conto e do racismo estrutural que há no Brasil, que a família do personagem-narrador seria negra.

4.1 Ser negro na cidade “grande”

A cidade de São Paulo terá participação fundamental na construção de ambas as obras, uma vez que São Paulo, conforme mostramos anteriormente, é uma das grandes cidades em que o crescimento do racismo e da discriminação racial teve um aumento exponencial. Além disso, até o clima é importante na análise de ambas as obras. No início do conto, o personagem-narrador faz questão de descrever o clima da grande cidade de São Paulo:

Gotas de chuva unidas serpenteiam brilhantes na vidraça. O frio da tarde começa a manipular suas agulhas de arrepio. É um frio fora de hora. É só a noite enxugar as lágrimas, o calor volta com toda a sua energia. Mais que nunca, preciso do tempo aberto, de perspectiva espacial, de horizonte, de estrelas ao longe. Fico aqui curtindo saudade, saudade de quem retorna às minhas próprias raízes e, ao mesmo tempo, me abandona nesta São Paulo de tantos sonhos e decepções (Cuti, 2017, p. 137).

A descrição do clima da cidade dá o tom de toda a construção narrativa do conto, dado que, ao descrever o clima, o autor, conseqüentemente, apresenta ao leitor a imagem de uma cena triste e melancólica: de gotas chuvas caindo em uma vidraça. Geralmente, uma descrição como a fornecida pelo personagem-narrador, refere-se a uma cena na qual o personagem fixa seu olhar na janela (vidraça) e rememora um tempo anterior, demonstrando a saudade de algo e/ou alguém. Esse fator é importante na continuidade da descrição, pois após citar a descrição, o personagem-narrador diz que está com saudades de alguém.

A relação da dualidade do clima “frio” e “calor”, bem como o “sol” e a “chuva” são importantes na construção da narrativa do conto, visto que o personagem-narrador infere que está triste e que precisa de uma renovação, ou seja, de um tempo aberto. Dessa maneira, o termo “perspectiva espacial” se torna relevante, dado que ele necessita de um novo lugar e de um novo espaço, fugindo, assim, da tristeza que o assola na grande cidade de São Paulo.

É válido ressaltar que, no trecho analisado, percebe-se que o personagem-narrador não é natural de São Paulo, uma vez que fala sobre um retorno às suas raízes por outra pessoa (o seu filho, Malcolm), que, em sua visão, o abandonou na São Paulo de muitos sonhos e decepções.

Sobre o racismo e o preconceito sofrido em São Paulo, o personagem-narrador afirma que:

Havia, sim, vivido alguns vexames do tipo: pai da namorada, ao me conhecer, impede o namoro; ser barrado em porta de prédio ou me indicarem o elevador de serviço quando eu era visita; não ser servido em restaurante ou tomar chá-de-cadeira; ser preso por vadiagem, mesmo com a carteira de trabalho assinada... (Cuti, 2017, p. 137).

Então, percebemos o racismo estrutural na fala do personagem-narrador, citando as várias formas que sofreu racismo e discriminação racial, que vão desde ser barrado em porta de prédio, até ser preso por “vadiagem” mesmo estando com a carteira de trabalho assinada, mostrando, dessa forma, a realidade de ser negro na Cidade de São Paulo. Essa abordagem mostra o estilo de escrita do autor, conforme afirma Bubniak (2022, p. 302): “Sua literatura é vista como a de um intelectual que luta por diversas formas de emancipação dos afro-brasileiros, funcionando como um instrumento de conscientização e resgate cultural e moral”.

Quando o autor insere, no conto, outro município – Salvador –, a perspectiva espacial, mais uma vez, torna-se o centro da narrativa, sobretudo quando o Malcolm, filho do personagem-narrador, começa a morar na cidade natal de seu pai: “Por fim, se foi para Salvador, onde eu nasci, mas não tinha parente algum, nem amigos” (Cuti, 2017, p. 139). Assim, Malcolm vai buscar as raízes de seu pai e encontra, em Salvador, uma aceitação totalmente diferente do que tinha em São Paulo: “Pai, hoje eu coleí lá no Curuzu. Fui para a saída do Ilê Ayê! Rolou um axé, senti maior energia. Mesmo com a miséria que tem aqui, os caras representam mesmo o nosso pessoal” (Cuti, 2017, p. 139), mostrando que a dualidade entre as cidades apontadas no conto pode ser resumida da seguinte forma: São Paulo e a rejeição por ser negro x Salvador e a aceitação da negritude.

Após perceber o quão bem o seu filho está em sua cidade natal, o personagem-narrador, ao final do conto, diz que: “A chuva passou. Estrelas lantejoulam o céu. O calor vai voltar” (Cuti, 2017, p. 140), mostrando que

existe uma esperança dele alcançar a felicidade com o passar da chuva (tristeza) e a chegada do calor (felicidade). Contudo, vale ressaltar que a sua esperança é mediante ao seu filho abraçar os aspectos de sua negritude em um contexto social que o aprecia.

Portanto, Cuti (2017), por meio da representação das cidades, aponta a diferença que é ser negro em um lugar no qual o racismo e a discriminação são constantes (chuva), e a diferença que é ser negro em uma cidade em que o racismo e a discriminação são menos frequentes, dando esperança e felicidade (calor) ao personagem-narrador, ao perceber que seu filho está bem.

A representação de como é ser negro na cidade “grande” acontece da seguinte forma em “Negro Drama”, dos Racionais MC’s:

Daria um filme
Uma negra e uma criança nos braços
Solitária na floresta de concreto e aço
Veja, olha outra vez o rosto na multidão
A multidão é um monstro, sem rosto e coração
Ei, São Paulo, terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel
Família brasileira, dois contra o mundo
Mãe solteira de um promissor vagabundo.
(Nada [...], 2002)

O trecho realiza a construção da imagem de uma família negra sofrendo na cidade de São Paulo, ao dizer que ela estaria sozinha na floresta de concreto e aço, sendo que a capital é conhecida, justamente, por sua imensidão de prédios, fator que é abordado em sequência ao se referir à São Paulo como “terra de arranha-céu”. Além disso, o termo “floresta” dá a entender que o lugar é desconhecido por quem habita, não sabendo, muitas vezes, o perigo e os desafios que irão enfrentar.

A imagem dada pelo grupo de *rap* é importante, pois, como no conto de Cuti (2017), refere-se a uma imagem de uma família negra em estado de tristeza e perdidos na grande São Paulo. Na parte que cita o clima, pode-se observar uma maneira mais “radical”, citando que a “garoa rasga a carne”, ou seja, remete à situação da própria realidade que esta família enfrenta na cidade, fazendo alusão à dor vivenciada.

A cena de uma mãe negra abandonada com a missão de cuidar de seu filho é bastante comum na periferia de São Paulo, e, conforme relatado

na letra musical, a condição racial e social se faz muito importante, porque, na maioria das vezes, as famílias negras têm que lutar pela sobrevivência dentro desse contexto, dando a ideia de que são eles contra o mundo, como mostra o trecho “família brasileira, dois contra o mundo”.

Assim, ser negro em São Paulo, principalmente nas famílias periféricas, perpassa por uma constante luta pela sobrevivência, visto que, ao nascer, a criança, segundo a letra da música, já é um “promissor vagabundo”, ou seja, já tem o seu futuro em cheque desde o seu nascimento por causa do racismo instaurado nas estruturas sociais. Em outro trecho, este pensamento se torna mais evidente:

O drama da cadeia e favela
Túmulo, sangue, sirene, choros e velas
Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
Que sobrevivem em meio às honras e covardias
Periferias, vielas, cortiços
Você deve tá pensando: O que você tem a ver com isso?
(Nada [...], 2002)

Nota-se que o drama enfrentado pelo negro em São Paulo está permeado do receio da prisão e da morte, por isso, o indivíduo negro busca a sua sobrevivência em meio a tantas covardias que sofre diariamente. Nessa perspectiva, a letra musical aponta e ressalta o racismo estrutural que há na cidade.

4.2 Ser negro e sua relação com a polícia

Percebe-se o racismo estrutural que está presente nas grandes cidades principalmente no interior de algumas instituições importantes, como a polícia. Conforme os levantamentos das pesquisas informadas anteriormente, há, no Brasil, principalmente nas metrópoles, um maior número de ocorrências registradas contra pessoas negras que pessoas brancas, bem como há um crescente número de casos de racismo envolvendo pessoas negras e a sua relação com a polícia. Esses fatores também são abordados por Cuti (2017) e pelo Racionais MC's (2002).

Em “Conluio das Perdas”, o ápice do conto representa justamente uma situação que Malcolm, filho do personagem-narrador, enfrentou ao presenciar um assalto a um banco da cidade de São Paulo:

Entretanto, antes que ele pegasse a senha e sentasse para aguardar o atendimento, dois indivíduos muito bem trajados adentraram o banco sem que a porta travasse, renderam o segurança e atingiram com um tiro o colega deste, que estava ao fundo e tentara reagir. Um dos invasores deu o grito, depois de ambos se encapuzarem: *Isso é um assalto! Todo mundo deitado no chão com a mão na cabeça!* Cerca de dez pessoas, incluindo funcionários, ouviram, durante cinco minutos, ameaças de morte de outros dois ladrões que já haviam invadido o local, também com os rostos cobertos e portando cada qual uma metralhadora, enquanto os dois primeiros, com pistolas em punho, faziam a coleta nos três caixas. Um bandido fora da agência, trajando uniforme de segurança, afastava os clientes alegando estar o sistema em manutenção e haver falta de energia. Alguém desconfiou e logo a viatura em serviço na região foi acionada. Quando a quadrilha encetava a sua fuga, foi surpreendida, na saída. Houve tiroteio, os assaltantes retornaram para o interior do banco, ficando um deles de bruços após ter sido baleado (Cuti, 2017, p. 139).

A narrativa, contada pelo pai de Malcolm, descreve o terror de uma situação aterrorizante como essa, no entanto, tão aterrorizante quanto foi o que aconteceu a seguir:

Pai – me contou Malcolm – eu vi tudo. Eles me pularam três vezes. Uma, quando entraram. Outra, quando tentaram sair e, depois, quando retornaram. Eu estava com a cabeça debaixo de uma cadeira, o rosto voltado para a porta e o resto do corpo para fora. Um deles, quando estavam tentando fugir, pisou nas minhas costas. Quando tiveram de voltar, um outro caiu em cima das minhas pernas e a arma dele – uma metralhadora pequena – veio parar próxima do meu cotovelo, depois de bater no meu ombro esquerdo. O cara agonizava. Foram muitos tiros, vidros estilhaçados e uma gritaria geral. Os policiais nem consideraram que havia reféns dentro do banco. Tentei me encolher, mas o peso do homem em cima das minhas pernas travou meus movimentos. De repente a artilharia parou. O que se ouviu naquele instante foi o som de muitas sirenes, choros e gritos histéricos. Eu tremia e suava frio. Aí, houve mais dois tiros. Acho que devem ter sido esses que mataram o segurança, aquele que tinha me barrado. Ele tentou reagir mesmo tendo sido algemado pelos ladrões. Então, eu consegui, num impulso, me encolher e fiquei na posição fetal. Só que, quando eu fiz isso, a arma caída ficou mais perto de mim. Fechei os olhos. Foi então que me deu uma crise de choro e a minha tremedeira aumentou. Houve, a partir daí, muitos outros tiros.

Depois parou tudo, só ficando gemidos. Demorou um tempo assim. Ai, os policiais entraram falando alto, até que senti passos perto e escutei: “Esse daí não mata não! Esse a gente leva.” Recebi um forte chute na coxa e agarram minhas mãos que cobriam a cabeça e me algemaram (Cuti, 2017, p. 139).

O relato de Malcolm mostra uma realidade absurda que, infelizmente, acontece diariamente em nossa sociedade. O negro ser compreendido como bandido e vagabundo é uma concepção comum e racista por parte da sociedade, especificamente, em uma instituição como a polícia, como representa o conto.

A violência sofrida por Malcolm ultrapassa à situação aterrorizante do próprio acontecimento do assalto ao banco, que já é traumatizante por si só, chegando a uma nova situação para o adolescente: estar no lugar errado, na hora errada, conforme declara o personagem-narrador “Não fosse aquela história de “hora errada em lugar errado”, talvez eu tivesse a sua companhia, ainda por muitos anos, a meu lado” (Cuti, 2017, p. 137). No entanto, se faz necessário o questionamento de que, se fosse uma pessoa branca no lugar de Malcolm, ela seria confundida como um dos assaltantes? A resposta provável e óbvia é que não, tanto que a única pessoa que a polícia confundira como assaltante foi o jovem negro periférico.

Dessa maneira, ser negro e a relação com a polícia denota, de acordo com o conto, uma violência estruturada dentro dessa instituição, visto que ela enxerga, muitas vezes, o negro como vagabundo e bandido. Nessa perspectiva, Lélia Gonzalez (2020), diz que:

a primeira coisa que a gente percebe [quando se fala de] racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria [...] porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual [...] Daí é natural que seja prosseguido pela polícia, pois não gosta de trabalhar, sabe? Se não gosta de trabalhar é malandro, e se é malandro é ladrão. Logo tem que ser preso, naturalmente (Gonzalez, 2020, p. 69).

Assim, o discurso que as pessoas negras são malandras, bandidas ou vagabundas está perpetuado e inserido na estrutura social, política e econômica de nossa sociedade, efetivando a relação dos indivíduos negros com a polícia.

Na letra de “Negro Drama” (2002), de Racionais MC’s, a relação de ser negro e o seu contato com a polícia é representada de forma parecida com a do conto analisado, como podemos ver a seguir:

Desde o início, por ouro e prata
Olha quem morre, então
Veja você quem mata
Recebe o mérito a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural
Histórias, registros e escritos
Não é conto nem fábula, lenda ou mito
(Nada [...], 2002)

A partir desse trecho, de início, observa-se uma referência ao tempo de escravidão sofrida pelas pessoas negras no Brasil, trazendo a relação da busca incessante, dos europeus, pelo ouro e a prata, ligando esse fato às diversas mortes de minorias no Brasil. Essas mortes também são ligadas à “farda que pratica o mal”, ou seja, conectadas à relação de como a instituição da polícia trata os negros no Brasil. Ao discorrer que ver o negro “pobre preso ou morto, já é cultural”, o grupo expõe a presença do racismo presente nas estruturas sociais de toda a sociedade. Nesse sentido, para a sociedade, observar as pessoas negras nessas condições é algo comum, já que é uma visão cotidiana, fazendo com que a população negra no Brasil viva, muitas vezes, em estado de medo constante das instituições, fator que é abordado pelo grupo de *rap* quando diz que: “Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu” (Nada [...], 2002).

No entanto, o racismo e a discriminação racial no cotidiano das pessoas negras, tem sido, continuamente, negado e/ou escondido: “o racismo cotidiano tem sido intensamente negado em nossa sociedade e que aquelas/es que o experienciam são constantemente lembradas/os de não nomeá-lo, mantê-lo quieto, como um segredo” (Kilomba, 2019, p. 226-227), consumando o medo nas pessoas negras principalmente em relação à polícia, pois apresenta que esse racismo estrutural não é “conto e nem fábula”, ou seja, ele é real e está presente nas histórias, nos registros e escritos.

4.3 Ser negro e a pressão de ascender socialmente e economicamente

De acordo com Edward Telles (2012), várias pesquisas mostram que as pessoas brancas, a nível nacional, são mais propensas a ascenderem

socialmente e economicamente que as pessoas negras. Sobre essa questão, Mano Brown, na introdução da música “A Vida é Desafio”, afirma que:

Desde cedo a mãe da gente fala assim: Filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor. Aí, passado alguns anos, eu pensei: “Como fazer duas vezes melhor se você tá pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos trauma, pelas psicose, por tudo que aconteceu?” Duas vezes melhor como? (1000 Trutas [...], 2006).

A necessidade das pessoas ascenderem socialmente se torna uma tarefa bem mais complicada, porque enfrentam desafios que estão institucionalizados e estruturados numa sociedade racista. O questionamento levantado por Mano Brown se faz muito importante: Como ser negro e conseguir ascender socialmente? Uma vez que só por ser negro o indivíduo já está muito atrasado? Assim, em uma sociedade que empurra as pessoas negras para o desemprego e para a marginalidade, a tarefa da ascensão social se torna muito mais complicada que normalmente é para a minoria branca.

A exigência de que as pessoas negras precisam ascender socialmente está presente no conto de Cuti (2017) e na música “Negro Drama” (2002). No conto, após a morte de Helena, mãe de Malcolm, o personagem-narrador encontra-se na tarefa de cuidar de seu filho, e uma das maneiras de conseguir galgar espaços na sociedade ocorre por meio dos estudos e do trabalho árduo, e, dessa maneira, pai e filho poderiam alcançar a felicidade, conforme o bilhete deixado por Helena para Malcolm: “Agora, você e seu pai vão viver sem mim. Estude e trabalhe muito para ser feliz. Eu te amo para sempre. Sua mãe” (Cuti, 2017, p. 138).

A concepção da necessidade de que para o negro ser feliz é preciso conseguir conquistar espaço na sociedade está muito relacionada à ideia de que somente por meio do capital a felicidade seja possível, ou, no mínimo, que o dinheiro possa tornar as coisas mais fáceis para uma família negra: “Eu aprendera a enfrentá-las. Sabia que se tivesse dinheiro tudo ficaria mais fácil. Assim, sempre busquei superar dificuldades para alcançá-lo e ensinei isso a ele” (Cuti, 2017, p. 138).

No entanto, todo esse processo e a pressão gera um estresse muito grande que atrapalha o desenvolvimento das pessoas negras: “Com essa gata no meu caminho, acho que começo a desencanar daquela treta do banco, do vestibular e todo aquele estresse” (Cuti, 2017, p. 140). Nesse sentido,

percebe-se que Malcolm, mesmo tempos após o episódio do banco, ainda ruminava o acontecido e desejava superá-lo.

Dessa forma, compreendemos que ser negro no Brasil é, também, lidar com a pressão de ascender socialmente, mesmo vivendo em um país que há um racismo impregnado em todas as estruturas da sociedade.

Já na letra da música, este assunto é abordado de forma mais voraz:

Sente o drama
O preçõ, a cobrança
No amor, no ódio, a insana vingança
Nego drama
Eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego
Pra não ser mais um preto fodido
(Nada [...], 2002)

Desse modo, “sentir” o drama da vida de uma pessoa negra envolve compreender a cobrança que ele vive, diariamente, para conseguir ascender socialmente e economicamente. Além disso, este drama gera traumas e, portanto, uma maior dificuldade de conseguir atingir esse objetivo. Essa parte está relacionada, sobretudo, ao trauma de não ser apenas mais um indivíduo que passa por necessidades ao longo da vida, ou seja, para não ser mais “um preto fodido”, apontando a realidade de muitas pessoas negras no Brasil. Afinal, outro trecho da música trata desse assunto de forma mais contundente, assinalando, novamente, o racismo estrutural: “Não foi sempre dito que preto não tem vez?” (Nada [...], 2002).

Portanto, ser negro é também, conforme mostram as análises, lidar com a pressão da ascensão social e econômica, porém com o caminho repleto de obstáculos, enquanto sai atrasado nessa corrida.

4.4 Ser negro e a autoafirmação do orgulho de sua própria cor e seus traços

Ser negro no Brasil é, também, se autoafirmar e ter orgulho de sua própria cor e seus traços. Por conta do racismo estrutural que há em nossa sociedade, a negritude é compreendida, muitas vezes, como algo ruim e com um sentido pejorativo, visto que: “Essa cultura racista é reforçada, tida como natural e legitimada pela mídia e pela cultura popular, através do humor e ditados comuns” (Telles, 2012, p. 183), assim, a cultura racista

é constantemente reforçada diariamente, fazendo com que o negro tenha que se impor e se autoafirmar diante desses abusos.

Nessa perspectiva, a autoafirmação presente em “Conluio das Perdas” se dá pela afirmação dos traços de uma pessoa negra, principalmente voltada ao seu cabelo: “As dificuldades raciais – tema recorrente em nossas conversas, sobretudo quando ele sofria alguma discriminação, arranjava uma namoradinha branca ou queria discutir as suas tranças” (Cutí, 2017, p. 138), ou seja, para além das discriminações sofridas por Malcolm na adolescência, ele e o pai geralmente conversavam sobre as tranças que eles usavam. Nessa parte, podemos inferir que, talvez, Malcolm não se sentia confortável em usar as tranças, uma vez que a palavra utilizada no texto é “discutir”, então, o seu pai, mostrava a importância das tranças como a autoafirmação do negro perante a sociedade. No final do conto, Malcolm consegue ver a importância dessa representação, quando ele está em Salvador:

Pai, hoje eu coleí lá no Curuzu. Fui para a saída do Ilê Ayê! Rolou um axé, senti maior energia. Mesmo com a miséria que tem aqui, os caras representam mesmo o nosso pessoal. Levantam a moral da galera. Trombei uma mina firmeza que você vai gostar. É daqui. Elinalva. Meu coração tá bombando. Ela tem uns esquemas com umas pessoas do bloco e vai rolar um lance de eu desfilhar. Se der, vai ser massa (Cutí, 2017, p. 139-140).

Ao estar na cidade natal de seu pai, Malcolm entra em contato com as raízes de seu pai, e, portanto, com as suas próprias raízes. Nesse momento, a personalidade de Malcolm se altera, visto que, agora, ele se encaixa e se sente representado pelas pessoas negras. Dessa maneira, ele encontrou, por meio dessas representações, uma forma de se autoafirmar e, principalmente, de ter orgulho de sua cor e de seus traços ao ter um maior contato com pessoas negras, estas que compartilham a sua dor e, sobretudo, o seu orgulho de ser negro.

Na música “Negro Drama” esse discurso ocorre de maneira semelhante, dado que a autoafirmação e o orgulho de ser negro acontece por meio do drama que as pessoas negras sofrem:

Inacreditável, mas seu filho me imita
No meio de vocês ele é o mais esperto
Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto

Esse não é mais seu, oh, subiu
Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu
Nóis é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?
Seu filho quer ser preto, ah, que ironia
(Nada [...], 2002)

Nesse momento da música ocorre uma virada de temas, já que há a inversão da sociedade ao dizer que o filho (branco) passa a imitar o rapper negro. Aqui, a autoafirmação ocorre, justamente, por essa inversão na sociedade, uma vez que o branco passa a admirar os passos de uma pessoa negra, utilizando até dialetos de comunidades cuja maioria da população é negra.

Sendo assim, a autoafirmação ocorre, principalmente, quando diz que o filho (branco) quer ser negro, levantando, dessa maneira, uma grande ironia: A sociedade não sempre disse que o negro é vagabundo e bandido? E agora seu filho quer ser preto? Este pensamento, mostra o orgulho que a pessoa negra deve ter, e não sentir vergonha de sua cor, de seu cabelo, do seu jeito de ser:

Cola o pôster do 2Pac aí, que tal? Que cê diz?
Sente o negro drama, vai, tenta ser feliz
Ei bacana, quem te fez tão bom assim?
O que cê deu, o que cê faz, o que cê fez por mim?
Eu recebi seu ticket, quer dizer kit
De esgoto a céu aberto e parede madeirite
De vergonha eu não morri, to firmão, eis-me aqui
Você não, cê não passa quando o mar vermelho abrir.
(Nada [...], 2002)

Nessa perspectiva, a autoafirmação e o orgulho de ser negro se manifestam, sobretudo, pela admiração de artistas negros, conforme mostra o exemplo do rapper americano 2Pac (Tupac Shakur). Quando afirma para que a sociedade sinta o “negro drama” e tente ser feliz, o grupo de *rap* brasileiro aponta, por meio da letra, que ser negro, mesmo com os dramas que enfrenta, é algo de se ter orgulho e, com isso, mesmo em meio a tantos dramas, conflitos e obstáculos, faz parte de ser negro se aceitar, não sentir vergonha de sua cor, e não sentir vergonha de sua vida, embora o drama esteja presente, se manifestando, especialmente, pelo racismo estrutural. Por isso, reconhecer a sua negritude já é um ato de resistência.

5 Considerações finais

Por meio da análise do conto “Conluio das Perdas”, de Cuti, e da letra da música “Negro Drama”, do grupo de *rap* Racionais MC’s, constatamos que ambos mostram a realidade de como é ser negro no Brasil, por meio de situações que as pessoas negras enfrentam e encaram diariamente, devido ao racismo estrutural que há em nossa sociedade.

Primeiramente, houve a apresentação, de maneira breve, dos autores e suas obras, mostrando a importância deles para a construção de obras artísticas feitas por negros e, por meio de teóricos, pode-se perceber que os seus discursos estão bem alinhados para denunciar e combater o racismo estrutural que há na sociedade. Em seguida, foi feito um levantamento de dados a fim de mostrar a realidade brasileira no que tange ao racismo, com o intuito de verificar acerca do que os autores falavam em suas obras.

Dessa forma, tendo como base a pergunta: Como é ser negro no Brasil? Observamos, em ambos textos artísticos, os seguintes temas: a relação do negro com a cidade de São Paulo; a ação da polícia em relação ao negro; a necessidade e a pressão das pessoas negras de ascender socialmente e economicamente; a autoafirmação do orgulho de sua própria cor e seus traços.

Primeiramente, observamos que a representação da cidade de São Paulo no conto e na música representa uma cidade cheia de desafios para a vida de uma pessoa negra. Então, ser negro em São Paulo, é enfrentar, diariamente, casos de racismo, de discriminação racial, em meio à luta pela sobrevivência. Posteriormente, demonstramos que ser negro e a sua relação com a polícia perpassa pelo racismo estrutural que está presente nessa instituição, ocasionando as pessoas negras a sofrerem com discriminações que levam à prisão de maneira injusta e, muitas vezes, à morte, por meio da “farda que pratica o mal”.

Em seguida, foi constatado que há, de fato, uma pressão para que as pessoas negras alcancem uma ascensão social e econômica, mesmo com as enormes dificuldades que enfrentam diariamente, inclusive tendo que ser “duas vezes melhores” que uma pessoa branca, mesmo saindo atrasado nessa corrida. Por fim, constatamos que ocorre, em ambas as obras, um processo de autoafirmação e do orgulho de ser negro, visto que, ainda que em meio às dificuldades encontradas, causadas pelo racismo estrutural, ser

negro e reconhecer sua negritude é exercer a resistência por meio da força de combater o problema que assola a comunidade negra diariamente.

Referências

1000 TRUTAS 1000 Tretas. [Compositores e intérpretes]: Racionais MC's. São Paulo: Boogie Naípe, 2006, 1 CD.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Polén, 2019. 264 p.

ANTUNES, Maik. *A cor e a fúria: uma análise do discurso racial dos Racionais MC's*. 1. ed. Jundiá: Paco, 2018. 280 p.

AUGEL, Moema Parente. O reverso do dito. In: CUTI, Luiz Silva; LOPES, Vera. *Tenho medo de monólogo & Uma farsa de dois gumes: Peças de teatro negro-brasileiro*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2017, p. 9-18.

BUBNIAK, José Luís. A Tendência Historicista em Contos de Cuti. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, p. 300-318, 2022. DOI 10.22456/2238-8915.125551. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/125551>. Acesso em: 7 mar. 2023.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre azul, 2006.

CHAGAS, Gustavo. 6 a cada 10 brasileiros já viram negros serem discriminados em locais comerciais, diz pesquisa encomendada pelo Carrefour. *Gl.com*, Porto Alegre, p. 01-04, 28 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/04/28/6-a-cada-10-brasileiros-ja-viram-negros-serem-discriminados-em-locais-comerciais-diz-pesquisa-encomendada-pelo-carrefour.ghtml>. Acesso em: 8 mar. 2023.

CUTI, Luiz Silva. Conluio das perdas. *Opiniões*, São Paulo, n. 10, p. 137-140, 2017. DOI: 10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2017.133560. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/133560>. Acesso em: 25 fev. 2023.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Revista Tempo*, Niterói, p. 100-122, 2007.

FONSECA, Maria Nazareth Soares *et al.* Autores contemporâneos. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (orgs). *Literatura afro-brasileira*.

Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 113-178.

GOMES, Renato Cordeiro. Por um realismo brutal e cruel. In: GOMES, Renato C. (org.) *Novos realismos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012, p. 71-89.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro, RJ: Zahar, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Cobogó, 2019.

KALILI, Sérgio. Uma conversa com Mano Brown. In: *Caros Amigos*, n. esp. “Movimento Hip-Hop”. São Paulo, SP: Ed. Casa Amarela Ltda, 1998, p. 16-19.

NADA como um dia após o outro dia. [Compositores e intérpretes]: Racionais MC’s. São Paulo, SP: Boogie Naípe, 2002, 2 CDs.

PINHONI, Marina. 83% dos paulistanos consideram que racismo se manteve ou aumentou nos últimos 10 anos, diz pesquisa. *Gl.com*, São Paulo, p. 01-05, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/11/19/83percent-dos-paulistanos-consideram-que-racismo-se-manteve-ou-aumentou-nos-ultimos-10-anos-diz-pesquisa.ghml>. Acesso em: 8 mar. 2023.

REIS, Thiago. Taxa de negros mortos pela polícia de SP é 3 vezes a de brancos, diz estudo. *Gl.com*, São Paulo, p. 01-06, 26 mar. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/03/taxa-de-negros-mortos-pela-policia-de-sp-e-3-vezes-de-brancos-diz-estudo.html>. Acesso em: 8 mar. 2023.

SALGADO, Marcus Rogerio. Entre ritmo e poesia: rap e literatura oral urbana. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 151-163, 2015. DOI: 10.5752/P.2358-3428.2015v19n37p153.

SINHORETTO, J.; MORAIS, D. de S. Violência e racismo: novas faces de uma afinidade reiterada. *Revista de Estudios Sociales*, Bogotá, 2018. DOI <https://doi.org/10.7440/res64.2018.02>. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/res/article/view/6057>. Acesso em: 8 mar. 2023

TELLES, Edward Eric. *O Significado da Raça na Sociedade Brasileira*. Tradução: Ana Arruda Callado. Princeton: Princeton University Press, 2012.